

PÓVOA DE VARZIM

BOLETIM CULTURAL



VOL, XVI

1977

N.º 2

EDIÇÃO
DA
CÂMARA MUNICIPAL

PÓVOA DE VARZIM

BOLETIM CULTURAL

PÓVOA DE VARZIM

BOLETIM CULTURAL

DIRECTOR

FLÁVIO GONÇALVES



VOL. XVI

1977

N.º 2

EDIÇÃO
DA
CÂMARA MUNICIPAL

Duas cartas de Rocha Peixoto para Oliveira Martins

por FRANCISCO D'ASSIS D'OLIVEIRA MARTINS

No Suplemento «Letras e Artes» do *Diário Popular* de 5 de Fevereiro de 1976 deparei com um excelente comentário de José-Augusto França relativo aos volumes II e III das *OBRAS* de Rocha Peixoto, organizados por Flávio Gonçalves e editados pela Câmara Municipal da Póvoa de Varzim em 1972 e 1975. O volume I das *OBRAS*, com um magnífico prefácio de Flávio Gonçalves, viera já a público em 1967, e dele fizera a respectiva recensão, no mesmo Suplemento do *Diário Popular*, o meu falecido amigo Dr. Ruben A. Leitão (29 de Junho de 1967).

A Flávio Gonçalves ficou a memória de Rocha Peixoto a dever ainda, durante as comemorações do centenário do seu nascimento, dois outros volumes que colocam de pé o homenageado, na majestade da sua obra: *Rocha Peixoto. Nas vésperas do centenário do seu nascimento* (Póvoa de Varzim, 1965) e *Rocha Peixoto (Depoimentos e Manuscritos)* (Porto, 1966). No primeiro destes volumes, também edição da Câmara Municipal da Póvoa de Varzim (em separata do seu Boletim Cultural) analisa-se a vida e a obra do ilustre etnógrafo; no outro volume, editado pela Câmara Municipal de Matosinhos, reúnem-se textos sobre Rocha Peixoto, e revelam-se manuscritos seus, tudo largamente anotado por Flávio Gonçalves.

Considerado, nas publicações referidas, o apreço mútuo havido entre Rocha Peixoto e Oliveira Martins, entregui-me a indagar se no espólio do último, em meu poder, havia alguma carta trocada entre os dois notáveis polígrafos. Fui feliz na busca: encontrei duas cartas de provado interesse, que, acompanhadas de algumas

notas da minha lavra, ponho à disposição das páginas do Boletim Cultural Póvoa de Varzim.

Eis as cartas de Rocha Peixoto dirigidas a Oliveira Martins:

I

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Snr.:

É um atrevimento inqualificável talvez o eu dirigir-me a V. Ex.^a não só por não possuir a felicidade e a grande honra de o conhecer, mas também por ser um insignificantíssimo estudante de preparatórios que tem, pode-se dizer, a ousadia de se dirigir ao mestre para lhe fazer uma pergunta que, para este é insignificante, mas para o signatário d'um grande valor.

Aquelle que ousa escrever-lhe é uma criança na idade e nos conhecimentos. Educado graças aos favores de um tio, como são desgraçadamente educados em Portugal aqueles que desejam seguir um curso, ou por outra; aqueles que procuram adquirir os meios para viver e amparar mãe e irmãos (e no número d'estes estou eu) tive a feliz dita de encontrar alguém que me aconselhasse a leitura das obras de V. Ex.^a. Infelizmente aconselharam-me tarde, e eu que aos treze annos deveria ter lido a vossa História de Portugal comeccei aos dezeseite pela leitura da Anthropologia. Desanimei porque a obra não estava ao alcance dos meus conhecimentos rudimentarissimos. No entanto a leitura do Portugal Contemporaneo veio animar-me e conduzir-me ao gosto de estudar; e, confesso, puz as vossas obras de parte para beber elementos que necessitava; ao mesmo tempo ia colleccionando as obras por vós citadas e consegui mesmo adquirir algumas de Haeckel, Darwin, Topinard, Le Hon e Quatrefages. Porém um acontecimento imprevisto não me deixou compulsar os auctores citados e consegui apenas ler Réclus. Esse incidente, insignificantissimo para V. Ex.^a, consistiu n'uma questiuncula que tive com um meu collega e patricio, questiuncula que versou sobre os jesuitas, e que, não passando d'uma simples conversação em familia, passou a ser discutida n'uns jornaes de provincia. Por qualquer circumstancia que não sei explicar o meu adversario calou-se e substituiu-o um padre formado em theologia. Este adversário, como V. Ex.^a deve prever, é bem perigoso para mim: e eu que procuro conhecer todos os escriptos concernentes à materia de que trato, reparei, ha tempo, que V. Ex.^a citava Ranke na resposta ao — Paraguay da Europa — do snr. Camillo Castello Branco. A razão pois porque me dirijo a V. Ex.^a é para lhe pedir se se dignava indicar-me

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Snr.:

É um atrevimento inqualificável talvez o eu dirigir-me a V. Ex.^a não só por não possuir a felicidade e a grande honra de o conhecer, mas também por ser um insignificantíssimo estudante de preparatórios que tem, pode-se dizer, a ousadia de se dirigir ao mestre para lhe fazer uma pergunta que, para este é insignificante, mas para o signatário d'um grande valor.

Aquelle que ousa escrever-lhe é uma criança na idade e nos conhecimentos. Educado graças aos favores de um tio, como são desgraçadamente educados em Portugal aqueles que desejam seguir um curso, ou por outra; aquellos que procuram adquirir os meios para viver e amparar mãe e irmãos, e no numero d'estes estou eu) tive a feliz dita de encontrar alguém que me aconselhasse a leitura das obras de V. Ex.^a. Infelizmente aconselharam-me tarde, e eu que aos treze annos deveria ter lido a vossa História de Portugal, co-

(se) a obra de Ranke estava escrita em francês ou em alemão, pois se está escripta n'esta lingua, como penso, ser-me-ha impossivel consultal-a por emquanto atento ignoral-a totalmente. Espero pois da reconhecida bondade de V. Ex.^a este obsequio, confiando no desejo que tem de instruir os outros. Perdoae-me o atrevimento e consenti que na ignorancia o signatario se honre declarar o mais pobre sim, mas tambem o mais fanatico dos vossos admiradores

S/c. Rua da Paz 126

Antonio Augusto da Rocha Peixoto

II

Il.^{mo} e Ex.^{mo} Senhor:

Lembrando o interesse que em tempo V. Ex.^a manifestou em favor d'uma pretensão minha official, e sabendo que a muita bondade de V. Ex.^a me tem concedido ausências de todo o ponto amigas, posto que imerecidas, surge um ensejo de eu vir importunar novamente a V. Ex.^a, na esperança de que os seus bons officios me podem ser utilissimos.

O professor Miguel Motta foi convidado a abandonar a sua cadeira de Physica e Mechanica na Eschola Industrial Infante D. Henrique do Porto, para assumir a direcção da Escola de Evora, recentemente organizada. Dadas umas certas clausulas, inclinava-se o referido professor a tomar esta deliberação. E, no caso affirmativo, era meu desejo ser provido na cadeira que ele aqui deixa vaga.

Acontece, porém, parallelamente, que o conselho da mesma Eschola do Porto, acaba de propôr o desdobramento das cadeiras de

I — Portuguez e Geographia
e II — Arithmetica, Geometria, Physica, Chimica e Hist. Natural.

proposta esta que deriva não só do hybridismo de semelhante invenção, mas ainda do excesso de frequencia. O inspector, Antonio Arroyo, informa-a bem, por muito justa. E em tal caso eu desejaria assumir a regencia de uma das duas em que se desdobrou a II, isto é, de arithmética, mas, principalmente, de Phys., Chim. e Hist. Natural. N'esta minha pretensão só tenho comigo, dedicadamente, interessadamente, o Arroyo; ele mesmo, particularmente, informou (ao Dr. Tello) de que só com a minha aquisição

é que poderia realizar, nas escholas do Norte, as collecções que não existem.

Não ignora, porém, V. Ex.^a que este bom desejo e a muita amizade de Antonio Arroyo não bastam. No caso da transferencia do professor, decerto que apparecem concorrentes com outros recursos para exito; no segundo caso a proposta fica-se em platonismo, se não houver influencia que leve o governo a realizar o desdobramento proposto.

Ora a obtenção d'uma das duas teria para mim um duplo valor: primeiro, o ensejo de me dedicar com mais assiduidade aos estudos que me são mais sympaticos; segundo, resolver-me, em grande parte, o problema da vida. Decerto que V. Ex.^a não sabe que ha cinco annos occupo, na Polytechnica, a situação provisoria de adjunto ao gabinete de mineralogia, remunerado do modo mais pingue; e que para agenciar o resto — há o recurso de todos, a pacotilha jornalística que é a tragedia que imagina.

Pode V. Ex.^a ser-me útil? Posso mais uma vez contar com as boas disposições de V. Ex.^a a meu respeito? A pretensão depende do Ministerio das Obras Publicas, mas é bem evidente que, no Ministerio do Reino será necessario, tam pouco, vencer embaraços.

Ora se V. Ex.^a leva a sua bondade ao ponto de proteger e seguir esta candidatura até final decisão — que eu tanto desejaria fosse positiva — muito me obsequiaria, informando-me, certo de que, é com o maior reconhecimento que recebo qualquer deliberação que V. Ex.^a tome.

Com toda a consideração sou

De V. Ex.^a admirador e amigo m.to agradecido

Rocha Peixoto

14-VI-94

C. de V. Ex.^a

Rua da Igreja, 12 Matosinhos (Porto).

*
* *

A primeira carta é a certidão de origem das relações entre Rocha Peixoto e Oliveira Martins, abre-lhes a porta: «ousadia» de «um insignificantissimo estudante de preparatórios» a dirigir-se «ao mestre» para uma pergunta. No segundo parágrafo o adolescente identifica-se e autobiografa-se: «sou uma criança na idade



Rocha Peixoto adolescente

e nos conhecimentos». Educado mercê dos favores de um tio, e tendo de adquirir meios para amparar mãe e irmãs, biograficamente, entre António Augusto e Joaquim Pedro há uma aproximação flagrante: a orfandade laboriosa e estudiosa.

Rocha Peixoto lamenta-se de só tarde lhe terem aconselhado a leitura das obras da «Biblioteca das Ciências Sociais» que Oliveira Martins estava publicando. Pegara na *Antropologia*, de cuja leitura desistira por não estar à altura do seu conteúdo. Devera ter lido, sim a *História de Portugal*. Todavia, a leitura do *Portugal Contemporâneo* animara-o a estudar. Depois declara haver posto de lado as obras do mestre para se entregar à leitura dos grandes autores citados na bibliografia das suas obras. E passa ao fulcro do problema — a «pergunta» motivada por uma polémica sobre os jesuítas, em que se encontrava envolvido. Nascida duma «conversa em família» passara a ser discutida nos jornais. Entretanto o adversário originário calara-se, surgindo em seu lugar um sacerdote formado em teologia ⁽¹⁾. Para prosseguir na luta o jovem polemista procurava, com afã, conhecer todos os escritos concernentes à matéria em causa. Rocha Peixoto pretendia saber se a obra de Ranke estava publicada em alemão ou francês. Tratava-se de uma obra citada por Oliveira Martins na resposta que dirigira a Camilo Castelo Branco quando este publicou, polemicamente, *O Paraguay da Europa*.

O caso passara-se do seguinte modo: o grande orador espanhol Emilio Castelar proclamara no Congresso dos Deputados: — «Não sou adversário dos jesuítas nem dos pedreiros livres, mas protesto contra um poder tenebroso que arrancou Portugal das mãos da Espanha para dominar e fazer dele o Paraguay da Europa». Camilo Castelo Branco proclamou haver causado irritação no aparelho nervoso deste Portugal sensível a frase referida «porque a condição de paraguaios nos baixava à ignomínia de semi-bárbaros». Deu-se o romancista a averiguar de quem partira a expressão inspiradora das palavras de Emilio Castelar e encontrou na *História de Portugal* de Oliveira Martins a forma geográfico-metafórica «o Paraguay na Europa». Lançou-se Camilo a refutar a arguição atribuída por Oliveira Martins à Companhia de Jesus. Nestes factos teve origem a polémica com Oliveira Martins.

(1) Cf. Rocha Peixoto (*Depoimentos e Manuscritos*), selecção e notas de Flávio Gonçalves (Porto, 1966), nota das págs. 31-33; Rocha Peixoto — OBRAS, organização, prefácio e notas de Flávio Gonçalves, vol. III (Porto, 1975), págs. 5-16 e respectivas notas.

sob o título «O Paraguay da Europa», em folhetins publicados n'«O Primeiro de Janeiro», que o romancista reuniu, depois, em *Boémia do Espírito*, sob o título, agora, de «Os Jesuítas na Restauração». De Oliveira Martins houve réplica e tréplica — e tudo reuni em *Camilo Castelo Branco nas suas relações com J. P. de Oliveira Martins* (2).

Oliveira Martins, na resposta a Camilo Castelo Branco, cita Leopoldo von Ranke, autor da *História dos Papas*, que, em tradução francesa, consta do catálogo da biblioteca que pertenceu a Joaquim Pedro.

Conta-se que Oliveira Martins aconselhou Rocha Peixoto a retirar-se da polémica contra os jesuítas (3), em que se envolvera em Outubro de 1883 (época, por certo, da primeira carta que Rocha Peixoto enviou a Oliveira Martins, carta que não está datada). Para a averiguação total deste episódio, muita falta nos faz a carta-resposta de Oliveira Martins a Rocha Peixoto, motivada pela «pergunta». A atitude de Oliveira Martins para com o nável polemista afigura-se-nos humana: furtou-o a uma confrontação desigual de cultura, que poderia, a dar-se, ser desgostante para o moço, que tal não merecia.

*
* *
*

Oliveira Martins, premiando as qualidades de estudioso de Rocha Peixoto, ofereceu ao cientista principiante as *Tábuas de Cronologia e Geografia Histórica*, obra que faz parte da «Biblioteca das Ciências Sociais», da autoria do indicado polígrafo (4).

(2) Revista *Ocidente*, vol. 78 (Lisboa, 1970), págs. 50-64, 65-83 e 92.

(3) Augusto Nobre — «Rocha Peixoto», in jornal *Rocha Peixoto (Homenagem)*, número único (Póvoa de Varzim, 17 de Junho de 1923). Texto reproduzido in *Rocha Peixoto (Depoimentos e Manuscritos)*, selecção e notas de Flávio Gonçalves, págs. 32-33.

(4) «Biblioteca de Ciências Sociais», por J. P. d'Oliveira Martins. Editores: Viúva Bertrand & C.ª Sucessores de Carvalho & Companhia, Lisboa, 1879. — «Esta *Biblioteca*, destinada a vulgarizar entre nós conhecimentos essenciais à vida de uma nação dirige-se não somente ao público em geral, mas também ao ensino secundário, que é o alicerce indispensável da sólida ilustração de um povo» (in abertura do prospecto publicado aquando do lançamento da «Biblioteca»).

As *Tábuas* saíram a público pelo decurso de 1884. O volume em causa encontra-se hoje na Biblioteca Municipal da Póvoa de Varzim (5).

O entusiasmo do estudioso poveiro pela obra de Oliveira Martins, partindo das *Tábuas de Cronologia*, leva-o a publicar, entre Outubro e Dezembro de 1884, um longo estudo, repartido por três números do jornal *A Independência*, da Póvoa de Varzim (6). Neles proclamou Rocha Peixoto, entusiasticamente: «Se o Sr. Oliveira Martins não fosse já considerado como um dos primeiros sábios da Europa, se os espíritos cultos não conhecessem já *O Brasil e as Colónias Portuguesas*, a *História da Civilização Ibérica*, o *Helenismo e a Civilização Cristã*, o *Portugal e o Socialismo* e outras, bastariam as *Tábuas*, esse trabalho perfeitíssimo e único, para o elevarem à altura dum trabalhador austero e de um talento fora do vulgar. Terminarei, para me embeber o mais possível nos seus livros, nessa gigantesca e colossal «Biblioteca» que empreendeu o eminentíssimo autor da *História de Portugal*».

Flávio Gonçalves, ao referir-se à influência que Oliveira Martins exerceu na formação intelectual de Rocha Peixoto, completa a sua asseveração afirmando ter sido em contacto com as obras do autor da «Biblioteca das Ciências Sociais» que cedo o futuro etnógrafo da *Portugália* se habituou a organizar os dados da cultura popular na perspectiva tecnológica e sócio-económica que Oliveira Martins traçara, por exemplo em 1883, no *Quadro das Instituições Primitivas* e em *O Regime das Riquezas* (7). Diz ainda o citado autor que também deviam ter impressionado o moço Rocha Peixoto o *Museu Industrial e Comercial do Porto* (8). Foi Oliveira Martins quem o fundou, entre 1883 e 1884, e do qual foi nomeado Director por António Augusto de Aguiar, que, ao mesmo tempo, o incumbia da elaboração de um plano para o estabelecimento dessa ordem de museus. O ministro Aguiar pretendia que florescessem, em diversos locais do país, os museus, num decidido movimento de cultura acelerada do povo.

(5) *Rocha Peixoto (Depoimentos e Manuscritos)*, selecção e notas de Flávio Gonçalves, nota da pág. 18.

(6) Rocha Peixoto — *OBRAS*, vol. III, págs. 25-31.

(7) Flávio Gonçalves — «Prefácio» ao vol. I das *OBRAS* de Rocha Peixoto (Porto, 1967), pág. XX.

(8) *Idem, idem*.

*
* *

Em 1884, na Escola Académica, do Porto, frequentada por Rocha Peixoto, vigoroso e contumaz estudante de ciências naturais, e por seus companheiros e amigos Hamilton de Araújo, Ricardo Severo, António Nobre, Guilherme e Leandro Braga — «firmados quer no desenvolvimento das ciências naturais»... «quer na verdadeira e completa revolução que este desenvolvimento tem trazido a todos os ramos do saber humano»⁽⁹⁾ —, decidiu-se, sob a capatazia de Rocha Peixoto e de Hamilton de Araújo, fundar uma agremiação que estabelecesse uma biblioteca científica e criasse um museu. Este, e futuras excursões, seriam elementos complementares do conhecimento recolhido teoricamente nas aulas. Da ideia expressa resultou o «Grémio Oliveira Martins», a que o entusiasmo de Rocha Peixoto pelo autor da «Biblioteca das Ciências Sociais» inspirou o nome. Numa sala, em cujas paredes, em escudos nelas colocados, se liam os nomes de homens notáveis nas ciências, letras e artes do país, encontrava-se em lugar destacado o retrato de Oliveira Martins, desenhado por Ventura Terra, professor da cadeira de desenho na Escola Académica. Na sala estava instalada uma incipiente colecção de mineralogia, organizada pelo jovem naturalista. Em princípios de Março de 1885 inaugurou-se o «Grémio»⁽¹⁰⁾. Rocha Peixoto, de estatura franzina, cabeça irreverente erguida, testa alta, luminosamente vasta, perfil vincado, tez clara, olhos azuis, cabelos loiros, frase viva e incisiva, falou durante a sessão exuberantemente, seguindo-se-lhe no uso da palavra Francisco Vale, Hamilton de Araújo e Guilherme Braga. Barbosa da Gama fechou a sessão. Foram levantados *vivas* à classe académica e ao Senhor Oliveira Martins. Tempos depois, Rocha Peixoto e os seus pares foram buscar Oliveira Martins, de tipóia, à sua casa, às Águas Férreas, para que conhecesse as instalações do «Grémio» que ostentava o seu nome⁽¹¹⁾.

(9) Rocha Peixoto — *OBRAS*, vol. III, pág. 41.

(10) João Barreira — «Era uma vez...», in revista *O Tripeiro*, 5.ª série, ano V, n.º 12 (Porto, 1950), pág. 269. Texto reproduzido in *Rocha Peixoto (Depoimentos e Manuscritos)*, selecção e notas de Flávio Gonçalves, pág. 18 e nota respectiva; Rocha Peixoto — *OBRAS*, vol. III, págs. 31-36 e 41-43.

(11) João Barreira, art. cit., pág. 269.

*
* *

Joaquim Pedro, autor da *Teoria do Socialismo e do Portugal e o Socialismo*, activo colaborador do *Pensamento Social*, passante de uma década desenvolvera farta actividade prática, socializante, junto dos operários que dirigira em Espanha e quando da construção do Caminho de Ferro do Porto à Póvoa de Varzim. Mais homem de acção pronta, que político de intriga, Oliveira Martins tinha sede de realizar, num país em que a política rotativa decorria lenta e esquecida dos mais prementes problemas nacionais e sociais. A presidência da «Sociedade de Geografia Comercial do Porto» constituiu para Oliveira Martins um vasto campo de actividade e de contacto com os magnos problemas nacionais: orçamental, da circulação fiduciária, do progresso industrial e fomento rural — da legislação operária.

O partido socialista, depois da restauração da monarquia em Espanha, perdera celeridade e era mesmo hostilizado pelo partido republicano. Espreitando para a Europa, o socialista Oliveira Martins observava como as monarquias inglesa, alemã e dos países nórdicos aceitavam a modernidade socialista sob a forma de socialismo catedrático ou científico, aceitando-a como caminho de progresso com resultados positivos à vista.

Em presença do quadro esboçado, Oliveira Martins, o teórico do socialismo, rodeado por intelectuais, no número dos quais se contou Antero de Quental, Guerra Junqueiro, e dos moços Queiroz Veloso e Luís de Magalhães (o filho do tribuno José Estêvão), pensou lançar o país, apoiado no partido progressista, da presidência do impoluto Anselmo José Braancamp, num movimento de renovação geral (financeiro, económico, social), a que deu a designação de «Vida Nova». Este inseriria, na monarquia, o Socialismo.

Pelo andar de Maio de 1885, Oliveira Martins foi à Granja, a casa do chefe do partido progressista, a filiar-se no partido.

A atitude assumida pelo socialista, autor republicanizante, sofreu contestação: desta o ocorrido no recém-inaugurado «Grémio Oliveira Martins». O retrato do patrono, inaugurado com palmas e *vivas*, foi retirado da parede⁽¹²⁾ pelos do grupo instaurador do «Grémio», no qual pontificava Rocha Peixoto, republicano ardente,

(12) *Idem, idem.*

descendente de miguelistas ardentíssimos. Discordantes da conduta de Oliveira Martins tomaram uma atitude política apaixonada — saia daqui Oliveira Martins!

Mas, a «Vida Nova» teve por órgão, fundado pelo seu autor — o jornal *A Província*.

N' *A Província* combateu o progressista Oliveira Martins pela verdade da sua causa socialista: nacionalização dos Caminhos de Ferro, concretização de uma legislação operária internacional, unificação da circulação fiduciária e legislação de uma pauta aduaneira proteccionista.

O nosso republicano intolerante, activo lutador pela causa da cultura, entende, por 1887, ser necessária a remodelação do Museu Municipal do Porto. Para o efeito traça Rocha Peixoto uma campanha vigorosa, rompanse — e encaminha-se para *A Província* do Oliveira Martins, onde Luís de Magalhães, secretário, o acolhe e Joaquim Pedro autoriza que a campanha tenha o seu desenvolvimento (13).

*
* *
*

Não cabe neste nosso estudo pormenorizar a actividade paralela, a diferentes níveis, de Oliveira Martins e de Rocha Peixoto. Oliveira Martins, desligado de *A Província*, desloca-se para Lisboa, e numa nova fase de independência política, de novo luta por uma nova forma de estruturação social, ante um parlamentarismo declinante. É a hora dos Vencidos da «Vida Nova» — dos «Vencidos da Vida» de quem Rocha Peixoto se aproxima.

Do encontro com Luís de Magalhães, em *A Província*, resultou Luís de Magalhães apontar a Eça de Queirós, que em Paris fundara a *Revista de Portugal*, o nome de Rocha Peixoto para secretário da *Revista*, que se pretendia manter. Ao novo secretário coube assistir e participar no quarto volume, o derradeiro da *Revista* — Dezembro de 1891 a Maio de 1892 — não sem assinar

(13) Luís de Magalhães — «Rocha Peixoto», in *Recordação. Homenagem dos alunos da Escola Industrial Infante D. Henrique ao inolvidável arqueólogo que foi A. A. da Rocha Peixoto* (Porto, 1909), pág. 19. Texto reproduzido in *Rocha Peixoto (Depoimentos e Manuscritos)*, selecção e notas de Flávio Gonçalves (Porto, 1966), pág. 78; Rocha Peixoto — *OBRAS*, organização, prefácio e notas de Flávio Gonçalves vol. II (Porto, 1972), págs. 5-54 e respectivas notas.

mais de cinco dezenas de páginas de assuntos variados (14). Nestas páginas Rocha Peixoto noticiou e rendeu homenagem à operosidade de Oliveira Martins na celebração do centenário do descobrimento da América e exaltação da figura de Cristóvão Colombo (15).

*
* *
*

A crise financeira, que levaria à bancarrota de há muito dada como inevitável por Joaquim Pedro, atingiu o ponto dado em Janeiro de 1892. Ao autor do *Portugal Contemporâneo* coube então gerir a pasta da Fazenda. Um dos momentosos problemas a enfrentar foi o défice da balança comercial que levou à legislação de uma pauta aduaneira proteccionista que colmatasse a diferença. No estudo das novas pautas, na comissão da Fazenda, teve Oliveira Martins por colaborador João Franco. Afastado do poder José Dias Ferreira e Oliveira Martins, depois das pautas aprovadas, assumiu o poder o rotativismo restaurado, com Hintze Ribeiro na Presidência do Conselho, João Franco na pasta do Reino e Carlos Valbom na das Obras Públicas.

Chegamos ao último acto deste pequeno drama. É a hora da segunda carta de Rocha Peixoto a Oliveira Martins.

Debatendo-se com dificuldades financeiras, Rocha Peixoto concorre a um lugar de professor na Escola Industrial Infante D. Henrique, no Porto. Estamos em 14 de Junho de 1894. As informações de António Arroio, inspector, eram boas, valiosas para o caso; era grande a amizade que Arroio dedicava a Rocha Peixoto; mas, para o conseguimento do pretendido não chegava. Era preciso uma «cunha» para o ministro das Obras Públicas: «Pode V. Ex.^a ser-me útil? Posso mais uma vez contar com as boas disposições de V. Ex.^a a meu respeito? A pretensão depende do ministro das Obras Públicas, mas é bem evidente que, no Ministério do Reino, será necessário, tão pouco, vencer embaraços». Leva V. Ex.^a a sua bondade a ponto de proteger e seguir esta candidatura até final decisão?

(14) Flávio Gonçalves — *Rocha Peixoto. Nas vésperas do centenário do seu nascimento* (Póvoa de Varzim, 1965), págs. 15-16 (separata do Boletim Cultural *Póvoa de Varzim*, Vol. IV, n.º 2).

(15) Rocha Peixoto — *OBRAS*, vol. II, págs. 281-290 e 308-313.

proteger e apoiar as candidaturas até final da eleição —
 — por os seus desejos serem positivos — e assim se abra —
 a questão, importante para o país, e assim se realize
 harmonicamente os seus propósitos deliberados, V. Ex.
 tans.

Com toda a consideração,

Seu V. Ex.º administrador e amigo até sempre

Rocha Peixoto

14-II-94

C. de P. Ex.º

Rua do Equino, 12. Bellatourinhos (Paris)

Que preciosamente elucidativa seria a carta-resposta de Oliveira Martins, traçada com mãos a arder em febre, vivendo os últimos dias da existência — faleceu a 24 de Agosto daquele ano de 1894. Que alegria teve Oliveira Martins em, por forma definitiva, valer a Rocha Peixoto. Amigo, estimadíssimo, do ministro do Reino — João Franco —, era amigo, devotadíssimo, do ministro das Obras Públicas — Carlos Valbom, o Carlinhos, confrade dos «Vencidos da Vida». Rocha Peixoto venceu; da sua biografia passou a constar: Professor de Geografia e de Ciências Físico-Naturais da Escola Industrial Infante D. Henrique.

Rocha Peixoto, cuja paixão política republicana levava, nos ardores da juventude, com os do seu grupo a sacudirem do «Grémio Oliveira Martins» o nome e efígie do patrono, nesta hora triunfante, de um, na vida, e do outro, na morte, por certo levantou do chão o retrato do socialista sincero, para o colocar junto do seu coração agradecido.